

## O CORPO COMO CAPITAL: PARA COMPREENDER A CULTURA BRASILEIRA

*THE BODY AS A CAPITAL: TO UNDERSTAND BRAZILIAN CULTURE*

Mirian Goldenberg<sup>1</sup>

Já na década de 1980, o antropólogo Gilberto Freyre, como sempre de forma pioneira e polêmica, buscou pensar o corpo da mulher brasileira e suas transformações. No livro “Modos de Homem, modas de mulher” (1987), Freyre afirmava que:

Pode-se dizer da mulher que tende a ser, quanto a modas para seus vestidos, seus sapatos, seus penteados, um tanto maria-vai-com-as-outras. Portanto, a corresponder ao que a moda tem de uniformizante. Mas é da argúcia feminina a iniciativa de reagir contra essa uniformização absoluta, de acordo com características pessoais que não se ajustem a imposições de uma moda disto ou daquilo. Neste particular, é preciso reconhecer-se, na brasileira morena, o direito de repudiar modas norte-européias destinadas a mulheres loiras e alvas. (p.33).

Gilberto Freyre apontava como modelo de beleza da brasileira a atriz Sônia Braga: baixa, pele morena, cabelos negros, longos e crespos, cintura fina, bunda (“ancas”<sup>2</sup>) grande, peitos pequenos. Dizia, com certo tom de crítica, que esse modelo de corpo e beleza brasileiros estavam sofrendo um “impacto norte-europeizante ou albinizante”, ou ainda “ianque”, com o sucesso de belas mulheres como Vera Fischer:

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). Autora, entre outros, de *De perto ninguém é normal*, *Nu e Vestido*, *Os Novos Desejos*, *Toda mulher é meio Leila Diniz*, *A Outra* e *A arte de pesquisar* (todos pela editora Record)

<sup>2</sup> Gilberto Freyre elogiava as “encantadoras ancas femininas” que possuíam, na cultura brasileira, significados não apenas estéticos, mas, também, enobrecedores das mulheres portadoras de tais formas. “Dignas”, “virtuosas” e “dignificantes”, como adjetivou Freyre, as protuberâncias do corpo eram fundamentais na representação sobre a beleza brasileira defendida pelo antropólogo.

alta, alva, loira, cabelos lisos (“arianamente lisos”, como dizia Freyre), com um corpo menos arredondado.

Esse novo corpo da mulher brasileira, imitação ou “macaqueação” (como gostava de dizer) de modelos estrangeiros, que passou a se impor como modelo de beleza, já detectado por Gilberto Freyre, ganhou muito mais força nas últimas décadas. Como disse a *Veja* (07/06/2000): “As brasileiras não ficam velhas, ficam loiras”, mostrando que a brasileira é uma das maiores consumidoras de tintura de cabelo em todo o mundo. Além de Vera Fischer, que permanece um ideal de beleza, Xuxa e, posteriormente, Giselle Bündchen tornaram-se modelos a serem imitados pelas brasileiras, ícones “norte-europeizantes”, diria Freyre.

Freyre enaltecia o corpo da mulher brasileira, “miscigenado”, um “corpo equilibrado de contrastes” e propunha uma “consciência brasileira”, dizendo que a brasileira deveria seguir modas adaptadas ao clima tropical, em vez de “seguir passivamente e, por vezes, grotescamente, modas de todo européias ou norte-americanas”: na roupa, no sapato, no adorno, no penteado, no perfume, no andar, no sorrir, no beijar, no comportamento, no modo de ser mulher. Eu ainda acrescentaria, no corpo. Freyre sugeria que as modas e os modismos não diziam respeito apenas às roupas ou penteados, mas também poderiam se tornar modas de pensar, de sentir, de crer, de imaginar, e assim, subjetivas, influírem sobre as demais modas. Ele apontava os excessos cometidos pelas mulheres mais inclinadas a seguir as modas, especialmente “as menos jovens, para as quais, modas sempre novas surgiriam como suas aliadas contra o envelhecimento” (p. 25).

Gilberto Freyre, duas décadas atrás, admitia que várias novidades no setor de modas de mulher tendem a corresponder a “esse desejo da parte das senhoras menos jovens: o de rejuvenescerem” (p.25). E a verdade, dizia ele, “é que há modas novas que concorrem para o rejuvenescimento de tais aparências, favorecido notavelmente por cosméticos, tinturas e cirurgias plásticas” (p.25).

O antropólogo mostrou, portanto, que as modas surgem visando uma preocupação central da mulher brasileira: permanecer jovens. Nestas últimas décadas esta preocupação cresceu enormemente, com novos modelos de mulher a serem imitados: cada vez mais jovens, belas e magras. Como afirmou Marcel Mauss (1974), é através da “imitação prestigiosa” que os indivíduos de cada cultura constroem seus corpos e comportamentos. Para Mauss, o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma

construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da "imitação prestigiosa". Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem sucedidos.

Um exemplo atual do que dizia Gilberto Freyre é a polêmica causada pelo concurso de Miss Brasil, de 2005. Com o título: "Procura-se a mulher brasileira no Miss Brasil", o jornalista Jamari França (Globo Online, 15/04/2005), afirmou que:

parecia um concurso de miss de país europeu. As misses foram apresentadas de biquíni por região do país... Apresentadas uma a uma, as misses eram todas de uma pele alva de quem nunca se deixou queimar nas praias de água doce do Rio Amazonas... Até a Miss Bahia tem a pele branca de ascendência européia... Quando chegou mais embaixo, nas regiões Sudeste e Sul, já não causava estranheza a presença de louras e morenas de olhos azuis ou verdes, já que é um biotipo mais comum nestas paragens. Não se trata de ficar com um preconceito racial às avessas contra as brancas, mas a realidade incontestável é que o concurso não reflete a diversidade de tipos da mulher brasileira. Muitas vezes quando uma miss entrava na passarela, a gente tinha impressão de que ela já tinha desfilado, tal a semelhança de tipos físicos. As nossas misturas, que resultam em mulatas de olhos verdes, beldades com traços indígenas e negras que assumem a raça com orgulho, botam muitas daquelas misses no chinelo. A impressão que se tem é que o concurso é aberto apenas à elite de cada estado, clubinhos fechados, sem que se procure nas ruas mulheres que representem a nossa diversidade. A mulher brasileira é das mais belas do mundo, com uma riqueza que ousa dizer ufanisticamente que nenhum outro país tem. Pena que nem todas elas subam à passarela do concurso. Falta Brasil no Miss Brasil.

Outro estudo muito interessante para discutir a singularidade do corpo brasileiro é o do antropólogo francês Stéphane Malysse (2002). Ao comparar o corpo da mulher brasileira com o da francesa, Malysse constatou que "enquanto na França, a produção da aparência pessoal continua centrada essencialmente na própria roupa, no Brasil é o corpo que parece estar no centro das estratégias do vestir. As francesas procuram se produzir com roupas cujas cores, estampas e formas reestruturam artificialmente seus corpos, disfarçando algumas formas (particularmente as nádegas e a barriga) graças ao seu formato; as brasileiras expõem o corpo e freqüentemente reduzem a roupa a um simples instrumento de sua valorização; em suma, uma espécie de ornamento" (p. 110). Dentro dessa lógica, Malysse ressalta a tendência das adolescentes francesas se vestirem como suas mães. Portanto, a roupa, na França, participa de um processo de envelhecimento da aparência. No Brasil, ao contrário, a tendência é vestir-se como jovem até bem tarde. É a filha que empresta suas roupas para a mãe. Em algumas

famílias cariocas que pesquisei, avó, mãe e filha compravam as roupas da mesma grife e trocavam, entre elas, suas roupas. O corpo e a aparência juvenil é, no Brasil, um verdadeiro capital, como diria Pierre Bourdieu (1987). Analisando, particularmente, a cidade do Rio de Janeiro, Malysse mostra que a distinção entre roupa de praia, roupa de cidade e roupa esportiva tende a desaparecer: “as roupas brincam com as partes escondidas/expostas sem que o corpo se cubra muito mais ao passar da praia para a rua. Aqui, as formas femininas não são escondidas pelo efeito de camuflagem dos *tailleurs*, dos sobretudos ou dos cortes amplos mas, pelo contrário, são realçadas: as mulheres vestem saias e calças de cintura baixa, valorizando assim quadris e nádegas, colocando-os em relevo, em cena.... No Rio, as roupas são usadas sobretudo para valorizar as formas do corpo feminino, para exibi-las: a cintura e o busto são marcados, realçados... Esses corpos femininos trabalhados, moldados nas academias, só suportam roupas que deixem o corpo valorizado à mostra sob o tecido” (p.112-113).

No Brasil, e mais particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido (GOLDENBERG e RAMOS, 2002). Pode-se pensar, neste sentido, que, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo da moda.

Se o corpo é a imagem da sociedade, que sociedade é essa que está representada nos corpos dos brasileiros? Na última década, tenho me preocupado em pensar sobre que modelo de corpo tem prestígio em nossa cultura e, conseqüentemente, qual é o corpo que é imitado (ou desejado) pelas mulheres e, também, pelos homens. O início desta minha preocupação pode ser verificado no livro “Nu & Vestido” (2002), onde reuni resultados de ampla pesquisa realizada com 1279 moradores da cidade do Rio de Janeiro, analisando seus valores e comportamentos. Pesquisando, desde 1988, os novos e velhos arranjos conjugais em nossa sociedade, fui surpreendida por uma categoria extremamente presente no discurso de meus pesquisados: *O Corpo*.

Na pesquisa realizada com homens e mulheres das camadas médias cariocas, ao perguntar: O que você mais inveja em uma mulher?, as respostas femininas foram a beleza, o corpo e a inteligência. Já para a questão: O que você mais inveja em um

homem?, eles responderam a inteligência, o poder econômico, a beleza e o corpo<sup>3</sup>. Também com relação à atração entre os sexos, o corpo tem um papel fundamental. Ao perguntar: O que mais te atrai em um homem?, as pesquisadas disseram a inteligência, o corpo e o olhar. Para a questão: O que mais te atrai em uma mulher?, os pesquisados responderam a beleza, a inteligência e o corpo. Quando a atração é sexual, o corpo ganha um destaque ainda maior. Na pergunta: O que mais te atrai sexualmente em um homem?, as mulheres disseram o tórax, o corpo e as pernas. Já os homens para a questão: O que mais te atrai sexualmente em uma mulher? Responderam a bunda, o corpo e os seios.

Só quando proponho aos pesquisados que escrevam um anúncio com o objetivo de encontrar um parceiro é que esse corpo aparece seguido de alguns adjetivos, como “bonito”, “forte”, “definido”, “malhado”, “trabalhado”, “sarado”, “saudável”, “atletico” (GOLDENBERG e RAMOS, 2002). Posso resumir os anúncios típicos femininos e masculinos da seguinte maneira:

“Eu sou magra, jovem, cabelos louros, longos e lisos, bunda e seios grandes, linda, sensual e carinhosa”.

“Eu sou alto, forte, bem dotado, rico, inteligente e romântico”.

Em uma pesquisa cujo objetivo principal é compreender a convivência, muitas vezes conflituosa, de novas e tradicionais formas de conjugalidade, é de certa forma surpreendente a centralidade que a categoria corpo adquiriu para determinado segmento social. Tanto nas respostas sobre inveja, admiração e atração, como nas que procuram um parceiro amoroso, o corpo aparece como um valor fundamental. Ao responder o que inveja, atrai ou admira, o corpo aparece sem nenhum adjetivo, é simplesmente *O corpo*. Ele só passa a ser adjetivado nas respostas dos anúncios. Só então ficamos sabendo de que tipo de corpo está se falando quando os pesquisados se referem abstratamente a *O corpo*. Não é um corpo indistinto dado pela natureza. É um corpo trabalhado, saudável, bem cuidado, paradoxalmente uma “natureza cultivada”, uma cultura tornada natureza (Bourdieu, 1987). A cultura da beleza e aparência física, a partir de determinadas

---

<sup>3</sup> Nesta questão sobre a inveja é interessante destacar as diferenças de gênero presentes. Parece, para os pesquisados, que é muito melhor ser homem do que ser mulher, pois quando perguntei: “O que você mais inveja em um homem?”, grande parte das mulheres respondeu “liberdade” e inúmeras outras características masculinas associadas a um comportamento mais livre do que o feminino, entre as quais se destaca a inveja pelo homem “fazer xixi em pé”. Já cerca de 40% dos homens pesquisados disseram não invejar “nada” nas mulheres. Os poucos que disseram invejar algo apontaram maternidade, capacidade de engravidar e sensibilidade. Respostas que reafirmam as representações associadas a uma suposta “natureza” masculina e feminina em nossa cultura.

práticas<sup>4</sup>, transforma o corpo “natural” em um corpo *distintivo* (Bourdieu, 1988): *O Corpo*.

Dados recentes demonstram que a brasileira é campeã na busca de um corpo perfeito (Edmonds, 2002). A revista *Time* chamou atenção para esse fato na capa que trouxe Carla Perez com a seguinte legenda: “*The plastic surgery craze: latin american women are sculpting their bodies as never before – along California lines. Is this cultural imperialism?*”. A *Veja* confirmou com a capa “De cara nova: com operações mais baratas, alternativas de conserto para quase tudo e grandes médicos em atividade, o Brasil passa a ser o primeiro do mundo em cirurgia plástica”. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o brasileiro, especialmente a mulher brasileira, se tornou, logo após o norte-americano, o povo que mais faz plástica no mundo: 621.342 brasileiros se submeteram a pelo menos um procedimento cirúrgico em 2003. Estima-se que em 2004 tenham sido 800.000 pessoas. As mulheres são a esmagadora maioria: 70%. De 2002 a 2003 cresceu em 43% o número de jovens que se operam: 13% do total dos que fazem plástica são jovens de menos de 18 anos, fato que chamou atenção da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica. A lipoaspiração é a cirurgia mais realizada (56%), seguida da operação das mamas (38%), face (30%), abdome (23%), pálpebras (18%) e nariz (12%). No quesito insatisfação com o próprio corpo, as brasileiras só ficam atrás das japonesas (37% das brasileiras se disseram insatisfeitas) em uma pesquisa realizada com 3.200 mulheres de dez países. Só 1% das mulheres brasileiras se acha bonita. O Brasil é o país em que mais se valoriza as modelos. 54% das brasileiras já consideraram a possibilidade de fazer plástica e 7% já fizeram, o índice mais alto entre os países pesquisados. Mas o que torna o Brasil especial nessa área é o ímpeto com que as pessoas decidem operar-se e a rapidez com que a decisão é tomada. São três as principais motivações para fazer uma plástica: atenuar os efeitos do envelhecimento; corrigir defeitos físicos e esculpir um corpo perfeito. No Brasil, esta última motivação é a que mais cresce: a busca de um corpo perfeito.

Também com relação ao uso de botox e ao implante de próteses de silicone, o Brasil é o segundo no mundo, logo após os Estados Unidos. São 85 mil cirurgias de

---

<sup>4</sup> Rodrigues (1979) destaca que “a Cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. Entretanto, mesmo assumindo para nós este caráter ‘natural’ e ‘universal’, a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais” (p. 45)

mama e 30 mil implantes de silicone por ano. Desde 1995, o número de cirurgias para aumentar os seios das brasileiras quintuplicou. Nos últimos dez anos, cresceu 300% o número de cirurgia nos seios das adolescentes.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1999) criticou a “dominação masculina” que obriga homens a serem fortes, potentes e viris (daí a ênfase com que os homens que pesquisei falam da altura, da força física, do tamanho do tórax e do pênis), enquanto as mulheres devem ser delicadas, submissas, apagadas (o que corresponde ao modelo de mulher magra que predomina atualmente). Em Porto Alegre, coincidentemente uma das capitais de onde despontam as modelos brasileiras mais bem sucedidas internacionalmente, 13% de adolescentes do sexo feminino sofrem de anorexia ou de bulimia. Uma das causas da anorexia e da bulimia, segundo especialistas, é a “mania de emagrecer”. Por problemas psicológicos, mas também pressionadas pela sociedade, as adolescentes passam dos freqüentes regimes alimentares a uma rejeição incontrolável pela comida e a fazer exercícios físicos de forma exagerada, tentando compensar a baixa auto-estima. Mas a anorexia parecer ter evoluído da condição de patologia para a categoria de “estilo de vida”. Inúmeras páginas pessoais na internet divulgam movimentos “pró-anorexia” e “pró-bulimia”. São as “amigas da Ana” e “amigas da Mia”, dando dicas para aquelas que desejam aderir a um estilo de vida que tem a magreza como modelo a ser seguido.

Bourdieu (1999) afirmou que os homens tendem a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo que consideram “pequenas demais” enquanto as mulheres dirigem suas críticas às regiões de seu corpo que lhe parecem “grandes demais”. O autor acreditava que a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, como objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. Neste caso, ser magra contribui para esta concepção de “ser mulher”. Sob o olhar dos outros, as mulheres se vêem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, o qual procuram infatigavelmente alcançar.

No entanto, para Bourdieu, a estrutura impõe suas pressões aos dois termos da relação de dominação, portanto aos próprios dominantes, que são “dominados por sua dominação”, fazendo um “esforço desesperado, e bastante patético, mesmo em sua

triumfal inconsciência, que todo homem tem que fazer para estar à altura de sua idéia infantil de homem”. A preocupação com a altura, força física, potência, poder, virilidade e, particularmente, com o tamanho do pênis, pode ser vista como exemplo desta dominação que o dominante também sofre.

Gilles Lipovetsky (2000) analisou a “febre da beleza-magreza-juventude” que exerce uma “tirania implacável sobre a condição das mulheres”. Para o autor, “a obsessão da magreza, a multiplicação dos regimes e das atividades de modelagem do corpo, os pedidos de redução de culotes e de modelagem até dos narizinhos arrebitados testemunham o poder normalizador dos modelos, um desejo maior de conformidade estética que se choca frontalmente com o ideal individualista e sua exigência de personalização dos sujeitos” (p.143). Lipovetsky acrescentou, ainda, que, de forma contraditória, quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais se aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais de corpo.

Concluo, então, retomando Gilberto Freyre (2002) com sua idéia de “contrários em equilíbrio” ou “equilíbrio de antagonismos”<sup>5</sup>. O antropólogo dizia que no Brasil encontra-se “o equilíbrio entre realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente européia e outros de cultura principalmente africana e ameríndia”. “Talvez em parte alguma”, dizia ele, “se esteja verificando com igual liberdade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura, como no Brasil” (p. 123).

Pode-se enxergar melhor o paradoxo apontado por Lipovetsky com a idéia de “contrários em equilíbrio” de Gilberto Freyre. No Brasil, o desenvolvimento do individualismo e a intensificação das pressões sociais das normas do corpo caminham juntas. De um lado, o corpo da brasileira se emancipou amplamente de suas antigas servidões - sexuais, procriadoras ou indumentárias -; de outro, encontra-se, atualmente,

---

<sup>5</sup> Como assinala Benzaquen (2006), Freyre define o brasileiro como uma figura atravessada pelas mais distintas e até opostas tradições, tradições que podem até se aproximar, mas que jamais chegam a se fundir, recusando-se conseqüentemente a adotar uma posição mais homogênea. Decorreria precisamente daí, segundo o autor, “não apenas a nossa facilidade em defender argumentos antagônicos, como também uma certa inclinação para assumir uma conduta inteiramente diversa daquela que havíamos há pouco, ou desde sempre, preconizado, sempre na expectativa de que a defesa de uma relação flexível com o mundo teria condições de atenuar o paradoxo que aí se insinua” (p. 2). Assim, destaca “a importância e a originalidade de uma experiência cultural fundada na tolerância e na variedade, na capacidade de cada um seguir múltiplas e divergentes orientações, mas vale a pena igualmente ressaltar o risco de instabilidade e de anarquia, ainda que benevolente e moderada, que parece sempre acompanhar uma sociedade organizada nessas bases” (p.2).

submetido a coerções estéticas mais regulares, mais imperativas e mais geradoras de ansiedade do que antigamente. Vivemos, então, um “equilíbrio de antagonismos”: um dos momentos de maior independência e liberdade femininas é também aquele em que um alto grau de controle em relação ao corpo e à aparência se impõe à mulher brasileira.

## REFERÊNCIAS

BENZAQUEN, R. Gilberto Freyre. Prosa e Verso. **O Globo**. 30/09/2006.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

EDMONDS, A. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREYRE, G. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDENBERG, M e RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MALISSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MAUSS, M. As Técnicas Corporais. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

Mirian Goldenberg

Site: [www.miriangoldenberg.com.br](http://www.miriangoldenberg.com.br)